

# O SEM-ALDEIA

**Ascensão e queda do cacique Mário Juruna, do Congresso Nacional ao ostracismo e ao abandono em um leito de hospital**

Gerson Camarotti  
Da equipe do Correio

Na manhã em que foi internado, no último dia 8 de julho, o cacique Mário Juruna recebeu uma ligação telefônica da mais velha dos 12 filhos, Honorina, 31 anos. Ela estava na tribo Namunkurá, dos índios Xavantes, em Barra do Garça, Mato Grosso.

— Como o senhor tá, pai?  
— Tou sempre aqui mesmo. Doente. Pra que melhorar, *non* tem mais jeito, lamentou o cacique.

— Vai melhorar pai, disse Honorina.  
— Mas como melhorar, há anos tou assim. Pede para todos rezarem por mim.

— O senhor tem que melhorar. Quem é que vai cuidar da gente, dos seus filhos, dos seus netos?, perguntou a filha.

— Agora *nom* sei mais, concluiu Juruna.

Do outro lado da linha, Honorina chorou.

Depois dessa ligação, Juruna só fez piorar. Foi internado no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) sentindo fortes dores no corpo. Não conseguia mais andar. Morando sozinho — apenas com quatro cachorros vira-latas —, pediu que todos os filhos viessem. Queria ver todos. Estava com medo de morrer.

O cacique Juruna foi a maior celebridade entre os brancos produzida pelas comunidades indígenas. Líder dos Xavantes, Mário Juruna, 54 anos na identidade — ele garante que tem mais de 60 anos — saiu de sua tribo nos anos 70. Da reserva de São Marcos, no Mato Grosso, foi direto para Brasília.

Com um gravador na mão, passou a registrar todas as conversas que tinha com políticos e burocratas. Com essa "arma", Juruna passou a denunciar mentiras e falsas promessas. Ganhou notoriedade. Virou personagem do programa de humor do Jô Soares e, em 1982, foi eleito o primeiro — e único até hoje — deputado federal índio do Brasil.

Juruna hoje é a imagem do ostracismo: esquecido e doente. Quando os filhos chegaram, no dia 12, Juruna já não falava. A cada dia, piorava. Entrou em coma e está há uma semana na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do hospital Santa Lúcia. Agora, ele se recupera e voltou a ficar lúcido.

Juruna conheceu a glória e a decadência. Tentou a reeleição três vezes, em 1986, em 1990 e 1994, na última trocando o Rio pelo Distrito Federal. Aqui teve só 700 votos. Bem diferente de 1982, quando elegeu-se com 32 mil votos no auge de sua popularidade. Mas, depois que perdeu as eleições, Juruna se desesperou quando percebeu que não tinha mais emprego.

Juruna passou a perambular pelo Congresso, de onde saiu para pedir dinheiro aos deputados que conhece. O que faz até hoje. "Ele pede mi-xaria. Sempre ajuda. Dou R\$ 100 ou R\$ 50", conta o deputado Francisco Silva (PPB-RJ), que foi o diretor de marketing do Laboratório Atalaia, fabricante do Jurubeba.

Em 1981, Juruna chegou a fazer propaganda, na televisão, do extrato Atalaia Jurubeba, feito com planta medicinal. Ficou das 21 horas até às cinco da manhã para decorar três frases do comercial: "Eu índio, não sou de figado. Uso a planta Jurubeba. Quando Juruna está na cidade, só toma Jurubeba". Pelo comercial, ganhou na época o equivalente a um Fusca e meio.

## O INCRÍVEL HOMEM QUE ENCOLHEU

A vida de Juruna só saiu do buraco quando ele conseguiu emprego público com a ajuda de amigos. Foi para a Funai. Desde 1994, é funcionário da Câmara. Mas quase não aparece por lá. Tem um cargo de confiança no PDT, pelo qual recebe R\$ 2 mil. O que

garante sua sobrevivência.

Juruna percebe o próprio encolhimento da importância política. Antes de adoecer, peregrinava pelo Congresso fazendo lobby para derrubar o ex-presidente da Funai, Júlio Geiger. Mas só conseguiu ser recebido por assessores. "Quando eu era deputado, todo mundo vinha me receber", comentou magoado.

Assim que perdeu a primeira eleição, em 1986, Juruna juntou todo o dinheiro que sobrou da campanha para comprar uma casa. Encontrou, mudou-se para o Guarã II. A casa tem quatro quartos. Mas é mal conservada. A parede está suja e descascando por causa de infiltrações. Os móveis são simples e velhos. Os estofados estão rasgados e quem senta no sofá afunda. O banheiro cheira mal. A máquina de lavar comprou de segunda mão. O índio passa as tardes diante da televisão. Gosta de filmes de terror.

Os amigos mais próximos atribuem sua decadência ao deslumbamento e mudança de comportamento desde que assumiu uma cadeira no Congresso. "Ele não estava preparado para entrar no Congresso. Foi coisa do Darcy Ribeiro e do Brizola. Ele estava preparado para ser um bom índio. Só isso", analisa o sertanista Orlando Villas Boas. "Começaram as mordomias, altos salários, muitos funcionários para nomear, apartamento funcional, carros. Ele se deslumbrou com tanto poder e dinheiro. Pior. Virou um branco, algo que tanto combatia", completa o indigenista Cláudio Romero dos Santos, ex-presidente da Funai.

Na Câmara, fingia ler discursos. Analfabeto até hoje, nunca quis aprender a ler e escrever. Mas o seu maior desgaste aconteceu na campanha de 1984, quando recebeu cerca de R\$ 35 mil, em moedas de hoje, do empresário Calim Eid, coordenador do comitê do PDS. Pelo dinheiro, ele teria que apoiar Paulo Maluf, candidato do PDS à Presidência da República. Pressionado, devolveu a grana, votou em Tancredo. Ficou a mancha na sua imagem.

Mas foi a sua segunda mulher quem mais contribuiu para sua decadência. Hoje, ele se recusa a falar dela. Para os amigos mais próximos, costuma se queixar da Ingratidão de Doralice. "Dei emprego, dei amor, dei tudo. Em troca, só recebi ingratião. Hoje estou sozinho", se queixa Juruna. Para se casar com Doralice, uma branca filha do vaqueiro da Funai, Juruna abandonou a índia Nair, com quem teve dez filhos. A mulher só pensava, segundo ele, em dinheiro. Quando deputado, Juruna chegou a conseguir cinco empregos para a mulher.

## NEPOTISMO PARA DEFENDER A FAMÍLIA

"Os índios têm uma escala de valores diferente dos brancos. Juruna não cometeu nenhum crime. Ao arrumar emprego e facilidades para a família, fez o que manda a tradição de sua tribo: primeiro defender o núcleo familiar. É assim que os índios sobrevivem na mata", explica o indigenista Sydney Possuelo, da Funai, para depois concluir que, nesse processo, ele foi mais vítima do que um vilão.

"Mais de 90% do fracasso de Juruna deve-se à mulher", revela um amigo. Quando Juruna começou a adoecer e ficou pobre, Doralice o deixou. Fugiu com um pedreiro por quem se apaixonou. Isso foi há cinco anos. Hoje, mora em Araguaína, onde trabalha na Funai. Procurada pelo Correio, Doralice não se fez de rogada. "O que eu vou ganhar em troca da minha entrevista?", perguntou ao repórter. Como a resposta foi negativa, fingiu que a ligação estava ruim e desligou o telefone.

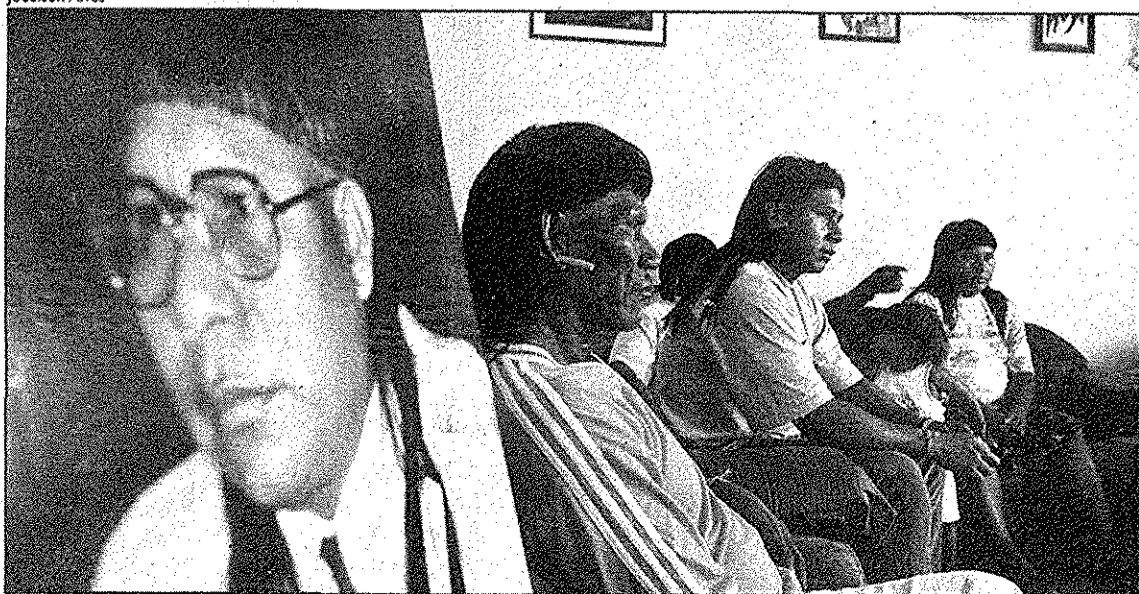
O gravador que fez a fama de Juruna, hoje, está no Museu do Índio, em Campo Grande (MS). Juruna não pensa em ressuscitá-lo. "Prá quê? Só

vou gastar dinheiro comprando pilha e fita e nada vai mudar", respondia, desgostoso, poucos dias antes de ser internado. Mas ainda sonha em voltar a ser deputado. "Era ingênuo. Não sabia de nada. Só me falta dinheiro para tentar uma eleição", sonha o cacique.

Se está difícil voltar à política, mais difícil será voltar para sua saudosa maloca. Acostumado com o colchão, já não sabe o que é uma esteira. "Quero morrer isolado. Eu mudei, mas os índios também mudaram de comportamento com os brancos. Não saberia mais viver na aldeia", disse Juruna, que há três anos não visita a reserva de São Marcos, de onde saiu.

A melhor definição da trajetória de Juruna é do antropólogo e amigo Cláudio Romero: "O Juruna está abandonado. Esquecido pelos brancos e pelos índios. Isso aconteceu porque arriscou alto. Deixou suas raízes e partiu para o mundo dos brancos. Chegou muito longe. Mas não conseguiu sair da armadilha. Acabou se transformando em alguém que já não é mais nem índio, nem branco". Hoje, Juruna é um índio sem aldeia.

Joedison Alves

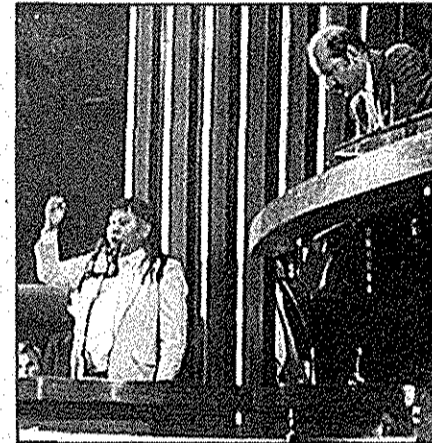


Frustração: família veio a Brasília para visitar o cacique, mas ele, de tão doente, já nem conseguia mais falar

## UM COMEÇO PROMISSOR

O cacique Mário Juruna chega a Brasília nos anos 70. Logo, ganha notoriedade por andar com um gravador embaixo para registrar as promessas dos políticos. Faz comercial na televisão do extrato Atalaia Jurubeba e vira personagem humorístico do programa do Jô Soares. Com a popularidade em alta, é convidado para sair candidato pelo PDT do Rio de Janeiro, em 1982. Afilhado político de Brizola, consegue uma expressiva votação. Se elege deputado federal com 32 mil votos.

Alencar Monteiro/AE 25.04.84



## PARLAMENTAR POLÊMICO

Assim que é eleito, Juruna vira notoriedade no Congresso. Costumava fingir ler os discursos. Foram quatro anos conturbados. Quase perdeu o mandato quando disse que "todo o ministro é ladrão". Mas sua imagem ficou desgastada ao receber dinheiro do empresário Calim Eid, para votar em Paulo Maluf no colégio eleitoral. Acabou votando em Tancredo Neves.

Charge de Ricardo Melo, outubro de 1983



Juruna, cercado pelos ministros de Figueiredo, quase perde o mandato

## CABO ELEITORAL

Juruna, de certa forma, foi uma cria política de Leonel Brizola e de Darcy Ribeiro. Nada mais parecido com Darcy que eleger um índio deputado. E Juruna retribuiu aos padrinhos se tornando um grande cabo-eleitoral do "socialismo moreno" brizolista.



## GUERREIRO SEM FÔLEGO

Depois de perder duas eleições no Rio de Janeiro, Juruna muda o domicílio eleitoral para Brasília. Concorre em 1994 a deputado federal, ainda pelo PDT. Anda pelas ruas das cidades-satélites. Sem recursos, sai pessoalmente para distribuir os santinhos. Só consegue 700 votos.

Adauto Cruz 4.09.94

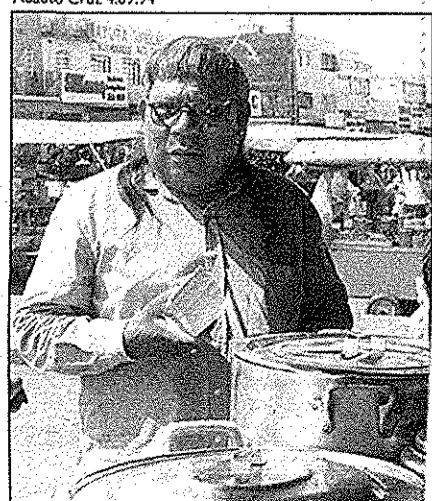


Ilustração: Kido